

## **Corpo e alma: o discurso médico-antropológico português na segunda metade do setecentos.**

Flavio Coelho Edler  
PPGHCS-COC/Fiocruz  
[edler@fiocruz.br](mailto:edler@fiocruz.br)

Ricardo Cabral de Freitas  
PPGHCS-COC/Fiocruz  
[rcabral.freitas@gmail.com](mailto:rcabral.freitas@gmail.com)

Este trabalho é parte preliminar de uma pesquisa intitulada “*Corpo, mente e alma: o discurso médico-antropológico sobre o comportamento criminoso no Brasil (1830 a 1889)*”. Ele se alinha com a literatura histórica que tem valorizado os estudos médicos sobre as paixões humanas nos diversos contextos Iluministas. A originalidade desta comunicação reside em postular que as teorias sobre a natureza humana, derivadas de amplo repertório médico-filosófico, tornaram possíveis o desenvolvimento e a larga difusão do olhar médico sobre o comportamento transgressor, desde meados do século XVIII (RENNEVILLE, 2006). Tais teorias empolgaram segmentos da medicina lusitana e ameaçavam a ortodoxia moral, religiosa e política do Antigo Regime enfeixada sob a batuta da Inquisição, dos órgãos censores e da Intendência Geral de Polícia. Elas foram formuladas, inicialmente, em obras médicas raras e marginais. Não possuímos evidências de que tenham alcançado algum grau de institucionalização e irradiação, mesmo no período posterior à reforma do currículo médico da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, em 1772. Seus autores também escreveram livros pedagógicos de Higiene pública e privada.

Vamos destacar aqui, duas obras matriciais do novo discurso médico-filosófico, articulado por dois médicos portugueses, que buscaram ampliar sua esfera de intervenção profissional, no período que começa com as reformas pombalinas e se estende ao reinado mariano. Apresentaremos, inicialmente, o trabalho intitulado “Dissertação sobre as paixões da alma” (1753) do médico, cristão-novo Antônio Nunes

Ribeiro Sanches (1699-1783) e “Medicina Teológica” (1794), do médico mineiro Francisco de Melo Franco (1757–1823).

Essas obras, que se distanciam 40 anos entre si, vieram a luz num período que se segue à contestação e crise da medicina galênica e mágico-astrológica. Ambas se aproximavam das novas orientações fisiológicas com raízes mecanicistas, animistas e vitalistas que redefiniram o antigo problema da interação entre o corpo e a alma, nos homens. Na tradição hipocrático-galênica, a origem física das paixões era associada aos humores presentes no corpo. Os efeitos comportamentais das paixões tinham referência com um desequilíbrio psicofísico. Um excesso de bile negra num órgão específico como o coração caracterizaria o temperamento melancólico. Essa venerável tradição médica esteve presente em Tratados de Teologia Moral aparecidos no período que estamos estudando, como nos *Sermões* de autoria de Dom Mateus de Encarnação Pina (1687 – 1751) e na *Botica Preciosa* do padre Ângelo de Sequeira (168? – 1775), onde se explicava, por exemplo, que na tristeza, “*o pranto faz sair pelos olhos o mais destilado da pena e o mais apurado do sentimento*” (MASSIMI, 1990: 18-22).

Já a partir do referencial epistemológico do racionalismo empirista e analítico, afinado com a crítica ilustrada à tradição escolástica, presente na retórica de ambos os autores que vamos apresentar, almejava-se alterar a fronteira tradicional que confinava o discurso sobre a moralidade à esfera da Teologia e da Sermonística cristãs, do Direito e da Filosofia Moral. Para tanto, alguns comportamentos pecaminosos ou imorais foram redefinidos total ou parcialmente como doentios. A nova conceituação trazia embutida uma nova forma de explicá-los e agir sobre eles. Ou, em termos mais formais, de diagnosticá-los e tratá-los. Nosso interesse está em compreender as nuances e transformações da estrutura cognitiva da concepção de natureza humana projetada pelo discurso médico, bem como verificar o modo como este interpelou o discurso jurídico e o religioso, especificamente no que se refere à agência humana e ao livre-arbítrio.

Pretendemos, aqui, não só assinalar a emergência, no campo intelectual português, de novas formulações relativas à psicofisiologia das paixões, vinculadas aos estudos neurológicos desenvolvidos a partir dos postulados mecanicistas e vitalistas, como também, averiguar como seus defensores procuraram intervir na esfera pública.

Neste trabalho, restringimos nosso foco à análise das estratégias de intervenção pública explicitadas pelos seus autores. Portanto, não almejamos, nem restabelecer as

relações próprias ao debate intelectual da época, nem levar em conta as recepções aos textos. Apenas esboçamos os contornos do contexto científico e político no qual ambos os médicos procuraram ampliar as competências médicas, abarcando o comportamento moral dos indivíduos e questionando antigas jurisdições, consolidadas na paisagem intelectual portuguesa.

Como já aludimos, o tema das relações entre Razão e paixões alcançou um desenvolvimento particular no ambiente médico a partir de meados do século XVIII, comum tanto à literatura vitalista, que reagiu ao homem máquina da iatromecânica, como nos desenvolvimentos de linhagens do mecanicismo lockeano, nas pesquisas em neurologia de Albrecht von Haller, como dentre os médicos seguidores da filosofia sensualista de Condillac. No ambiente intelectual francês, a retórica que articulava o ambicioso projeto desses grupos insistia que a fisiologia - ou economia animal - e a análise das idéias e das faculdades morais eram ramificações de uma mesma ciência, que deveria chamar-se *Science de l'Homme* ou *Medicina Antropológica*. Os sistemas metafísicos e teológicos eram acusados de terem tornado obscuro o estudo da moral. Para um certo público, a autoridade médica passou a ser aceita como proeminente. Em geral, tanto a psicologia aristotélico-tomista, quanto o tratado cartesiano *Les passions de l'âme* (1649) eram deplorados pela fragilidade com que retrataram a mente humana. O desconhecimento da fisiologia humana e o elo entre esta e as paixões, tal como estudadas pelos *idéologues*, dentre outros, explicariam a fragilidade das especulações filosóficas.

Então, o entendimento das paixões - ou das emoções ou sentimentos – tornou-se central na tentativa de definir os deferentes tipos humanos. E este entendimento, reestruturado pelas correntes filosóficas racionalistas e empiristas, também foi central no debate acerca do modo adequado de garantir a ordem social e o governo dos homens (MARCUS, 2000). Parte do projeto Iluminista fundava-se na tentativa de estabelecer a ordem moral sobre a ordem natural, daí as referências à autoridade moral da Natureza (DASTON, 2002).

No ambiente luso-brasileiro, durante todo o Antigo Regime até fins a segunda metade do século XVIII, o comportamento do infrator ou, especificamente, do criminoso era objeto de reprovação moral, com conotação geralmente religiosa

(VAINFAS, 1989; SOUZA, 1986). Os pecados capitais do cristianismo ilustravam uma perversão da vontade, cuja causa estaria na escolha em desafiar os mandamentos divinos. A pedagogia jesuítica pregava a disciplina das paixões pela vontade (MASSIMI, 2006). No entanto, a metáfora da balança dos sentimentos que, opondo os vícios às virtudes, marcava a imagem das infrações morais inverteu-se, lentamente, a partir da segunda metade do século XVIII. No lugar do pecado e do vício, impôs-se, lentamente, a noção de doença somática. Em vez de cominar o castigo ou o ascetismo, um grupo de médicos passou a almejar a normalidade pela cura. Assim, a imagem do criminoso, como a do pecador, foi parcialmente reconstruída como uma morbidade, a partir do multifacetado movimento ilustrado luso.

### **Sentimentos lusitanos**

Como já explicamos, nos limitaremos, aqui, a apresentar um esboço das idéias de **Ribeiro Sanches** e de **Mello Franco**, extraídas das referidas obras.

Segundo nos relata Ana Cristina Araújo (1984), devido a problemas com a Inquisição, o cristão novo Ribeiro Sanches após habilitar-se como doutor em Salamanca (1724), clinicou pouco tempo em Portugal e seguiu para Londres, em 1726, onde conviveu com Jacob de Castro Sarmiento, outro médico cristão-novo exilado. Entre 1730 e 1731, residiu em Leiden, na Holanda, onde estudou com Boerhaave. Em sua obra *Método para aprender a medicina* (1763), na qual sugeria uma reforma na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, espelhou-se nesse modelo de ensino. Indicado por Boerhaave, assumiu o posto de médico do Senado na Rússia, onde viveu entre 1731 e 1747. Na França, onde passou a residir, desde esse ano até sua morte, em 1783, manteve contato com D'Alembert, Diderot e Buffon, dentre outros cientistas e homens de letras, e discutiu, em cartas e ensaios, as idéias de Locke, Hume, Condillac e Voltaire (ARAÚJO, 1984). Em suas *Cartas sobre a educação da Mocidade* (1759), recomenda reformas pedagógicas para a juventude portuguesa, plasmadas no ideário racionalista. Apesar de apoiar a reforma universitária de 1772, Ribeiro Sanches era cético quanto ao alcance das mudanças que ele julgava difíceis de serem aceitas por uma população formada pelos preconceitos inculcados havia séculos pelos padres católicos ignorantes, soberbos, presunçosos. Em comparação com a Europa civilizada, a

cultura portuguesa lhe parecia, por contraste, um “*Reino Cadaveroso*” (MAXWELL, 2003: p. 277-80; ARAÚJO, 1984:381).

Qual o escopo do ensaio sobre as paixões da alma e com ele se situa diante das distintas tradições que confluíam para esse tema?

Na introdução dessa obra, escrita em 1753, mas só publicada na *Encyclopédie Méthodique*, em 1787, Ribeiro Sanches a justifica pela raridade com que o tema das paixões da alma, tomadas como causa de muitas enfermidades, tinha sido abordado pela medicina. Ainda mais incomum, seriam os trabalhos médicos que indagavam sobre as causas delas. Para ele o primeiro assunto seria um campo adstrito à Patologia. No entanto, o tema relativo às causas das paixões da alma, que pertencia tradicionalmente ao teólogo e ao jurisconsulto, também seria objeto do médico prático ou terapêutico. Desse modo, num plano imediatamente político, Ribeiro Sanches apela para uma reforma do saber médico que deveria incidir diretamente na ampliação de seu alcance jurisdicional. Ao questionar as fronteiras do exercício profissional, ele interpelava tanto seus pares, quanto a esfera do Direito e da Teologia.

Ainda na introdução, o médico explica que houve, historicamente, um afastamento da medicina do cuidado relativo ao **regramento do ânimo** e que, ainda no tempo de Galeno, esta atividade se ligava à Higiene. Para ele, os médicos cristãos largaram esta incumbência quando os teólogos, substituindo os filósofos, tomaram à sua conta esta parte.

Em sua época, teólogos e legisladores, estes através das leis penais, mantinham sob sua alçada regradar as desordens e as enfermidades da alma, enquanto os médicos estavam confinados ao cuidado do corpo, isto é, daquela parte do homem relativa ao **sentimento** e ao **movimento**. E é numa perspectiva fisiológica que ele explica a eficácia das leis penais: estas atuariam sobre as paixões desordenadas, não pelo ensinamento das virtudes cristãs ou pela persuasão da consciência – ministério dos teólogos -, mas pelo temor que os castigos induziam nos **ânimos desregradados**.

Cauteloso, ele adverte seu interlocutor (a dissertação, em sua versão original é uma missiva) que não entraria na discussão sobre o modo como a alma, sendo espiritual, agia para mover o corpo, nem porque razão o corpo variamente disposto, fazia pensar, discorrer, querer ou aborrecer a alma racional. Apenas tomava como assentado, por todas as nações civilizadas, que o homem constava de corpo e alma.

Provavelmente ele queria manter-se equidistante das soluções apresentadas pelo aristotelismo escolástico e pelo racionalismo metafísico de Descartes.

Na fisiologia sancheana, o corpo humano seria composto de dois sistemas: o homem sangüíneo, formado pelas artérias, veias e o coração, onde circula o sangue, cuja função seria animar, nutrir e conservar, e; o homem nervoso, cujo ofício (ou função), seria **sentir** e **mover** os músculos. Através dos canais ou nervos, percorreria todo o corpo, especializando-se em cada sensação e em cada sentimento, mas seu órgão central seria a **medula oblongata** que teria a faculdade de perceber os objetos que entram pelos cinco sentidos, além dos estímulos da fome, da sede e da geração, intermediados por outros órgãos. Na Medula residiria o sensório comum - termo criado por Aristóteles em *De anima* e, posteriormente, redefinido em diferentes contextos teóricos - que conservaria e ordenaria as idéias e impressões recebidas pelos diferentes órgãos dos sentidos. Outra faculdade corporal conectada a este sistema ligava-se aos três diferentes modos de perceber cada objeto: como uma idéia agradável, ou desagradável, ou indiferente.

Ele insiste na distinção entre **movimentos voluntários**, mediados pela razão, que caracterizariam os movimentos regrados e dependentes do arbítrio, e os **movimentos involuntários**, comandados por mecanismos exclusivamente corporais. Este pressuposto fisiológico, bem como o uso atualizado do vocabulário aristotélico-tomista relativo à alma, suas potências e as relações com os sentidos revelavam sua filiação às idéias mecânico-humoralistas dos neurologistas Raymond Vieussens (1635 – 1715) e Thomas Willis (1621 – 1675).<sup>1</sup>

Saliente-se que o recuso erudito aos exemplos extraídos de autoridades médicas antigas e modernas ligadas aos diferentes sistemas médicos, pode ser entendido como uma estratégia retórica. Por um lado, demonstra sua observância às regras de um discurso racional, desprovido de preconceitos e estritamente informado por observações empíricas verossímeis; por outro, ao expor suas idéias como imersas na venerável linhagem médica iniciada por Hipócrates, apresentando-se, inclusive como um compilador, ou, em suas palavras, “*mero coletor de escritos*” (p. 13), evitava vincular-se explicitamente a uma corrente teórica específica. Nesse sentido seguia de perto o

---

<sup>1</sup> Embora já se correspondesse com Von Haller desde 1847, não encontramos, aqui, elementos de seus estudos experimentais sobre sensibilidade e irritabilidade.

exemplo de seu mestre, Boerhaave, paradigma do médico eclético, no sentido que a *Encyclopédie* conferiu ao termo.

Embora não seja possível tratar aqui de todos os aspectos relativos ao tema das paixões, destaco, apenas, que para Ribeiro Sanchez, a origem das paixões humanas deve-se ao fato de que, ao contrário dos animais, os seres humanos encontravam-se, desde o início, carentes dos instintos necessários à sua conservação. No entanto, apesar de precisar de pouco para atender às suas necessidades, o homem usou seu engenho para criar a multidão desordenada de apetites que inventou, por fraqueza ou vaidade. Assim, para além das paixões puramente materiais que concorrem para a sua preservação, o homem racional desenvolveu os sentimentos, como a honra, a glória e a autoridade. Estas idéias, que são conteúdos abstratos das sensações do sensorio comum, se desenvolveram tanto pela educação quanto pela força das leis políticas. Assim, ao contrário dos animais, que não conhecem os conceitos abstratos, o homem estaria sujeito a mil paixões na alma, o que o faria viver uma vida contenciosa e turbulenta (p.6), capaz de **inverter ou desviar o fluxo dos espíritos vitais através dos canais nervosos**, gerando toda sorte de enfermidades. (p. 14/5).

Sua descrição naturalística da economia das paixões prescinde de qualquer referência ao modelo cristão de virtude. Assim, na cólera, por exemplo, o agastar-se com muitas queixas, comum nos supurados do bofe, nos hidrópicos e nos melancólicos, não deveria ser reprimido com os princípios teológicos. Pelo contrário, estes movimentos involuntários serviriam para aumentar a circulação do sangue. Ele explica: adquirindo o coração mais força, aumenta-se a secreção da cólera, da urina e da transpiração. “A natureza deu este movimento em muitas queixas como remédio” (p.16).

Dá o uso terapêutico das paixões moderadas para curar algumas enfermidades, sendo as paixões da ira, e da esperança as mais adequadas. Ele observa que o médico prudente pode incitar no paciente o desejo de vingança para curar a paralisia e a faduidade, ao alterar o curso dos espíritos animais. A eficácia das leis penais, que depende dos castigos impostos, revelava, como já notamos, a ação curativa do medo (p.19).

Em oposição à descrição universalista do homem, presente na iatromecânica, Ribeiro Sanchez relaciona determinadas paixões da alma, tanto com disposições

corporais hereditárias – base dos temperamentos -, quanto por inclinações adquiridas, pela dieta, pelo clima, pelos hábitos e pela idade, numa clara identificação com o neo-hipocratismos. O médico poderia assim, agir sobre cada temperamento ou inclinação, mudando primeiro o corpo. Dessa forma, numa crítica indireta aos castigos corporais previstos no livro V das Ordenações Filipinas, Sanches se refere às vantagens do recurso à terapêutica médica para emendar a sociedade.

Cito:

*“Este modo de curar e de fazer de maus naturais, bons e prudentes, e de estúpidos, espertos e inteligentes, se perdeu totalmente. Toda a cura são açoites e pancadas e o medo é o que serve a reprimir aqueles maus ímpetos, mas jamais a mudar-lhes a natureza. (...) Seria utilíssimo à Religião e à Republica que houvessem médicos que soubessem curar tão bem as enfermidades do ânimo e terem uma farmacopéia a propósito para mudarem as constituições como têm para curar as enfermidades.” (p.19).*

Através de vários exemplos, o autor mostra como seria possível recorrer à medicina para alterar as inclinações, *os juízos e o modo de obrar e tratar na sociedade civil*, operando através de dietas ou remédios nos nervos ligados não aos órgãos dos sentidos, mas às vísceras, que seriam responsáveis por levar ao sensorio comum os gostos ou sentimentos.

Em sua análise naturalística da etiologia das paixões, o discípulo de Boerhaave recorreu, também, aos estudos de necropsia próprios e alheios, os quais atribuíam a deformações na **disposição** e na **estrutura** dos órgãos a causa de comportamentos desregrados. Assim, covardes, estúpidos, preguiçosos e muitos viciosos devotados à luxúria, bebedeira, jogos de azar e furtos teriam em suas respectivas organizações a causa destes defeitos morais. Todos esses vícios seriam, na verdade enfermidades do ânimo, que não dependeriam apenas da má criação nem do costume.

Resumidamente, uma nova divisão de trabalho daria ao teólogo o ministério de *“decretar a consciência e instruir como se pode alcançar a graça divina”*; ao legislador *“reter os viciosos pelo medo e pelo terror dos castigos públicos”*, mas aos médicos *“pertenceria ou curar o corpo ou induzir outra enfermidade que produzisse paixões diferentes”*.



O outro médico, também vinculado ao reformismo ilustrado, o mineiro Francisco de Melo Franco (1757-1823), formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra em 1785 e já se tornara íntimo da Inquisição desde o tempo de estudante, quando fora encarcerado por quatro anos sob a acusação de irreligiosidade. Alguns historiadores afirmam que a obra apócrifa *O Reino da Estupidez* (1785), poema que ridiculariza a Universidade de Coimbra no período da viradeira, seria de sua autoria. Em 1789 publicou o *Tratado de Educação Física dos meninos para uso da nação portuguesa*, impresso por ordem da Academia das Ciências. A obra intitulada *Medicina teológica ou Súplica humilde feita a todos os senhores Confessores e Directores sobre o modo de proceder com os seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice*, apareceu em 1794, inteiramente aprovada pela Real Mesa da Comissão geral sobre Exame e Censura de Livros. De acordo o historiador republicano Teófilo Braga, em sua *História da Universidade de Coimbra*, a obra apareceu anônima, e apesar de examinada suscitou nos poderes públicos tais apreensões, que ela foi suprimida, e a própria Real Mesa dissolvida e extinta em decreto de 17 de Dezembro de 1794. O Intendente geral de Policia, Pina Manique, pôs em campo todos os seus recursos para descobrir quem era o autor da Medicina teológica, sem sucesso.

Nela, Mello Franco afirma que após a queda, ofuscada a Razão e atenuado o livre-arbítrio, vive o homem debaixo da rebeldia das paixões. A Igreja Católica, empenhada em construir diques à torrente de vícios e pecados com a prática da confissão, falhava por usar apenas os remédios morais nesse ministério. Ao contrário do discurso teológico vigente, de matriz tomista, Mello Franco elegeu o campo somático como a principal causa das paixões, razão pela qual a salvação da alma passaria a depender da saúde do corpo (SILVA, 2008: 336) A novidade que justificava a obra era a ampliação do escopo do ofício dos confessores, com a inclusão do conhecimento médico, já que muitas doenças, depois de infeccionar o corpo penalizariam a alma, fazendo-os desfalecer e cair em pecado.

Embora posteriormente tenha se aproximado da concepção estritamente mecanicista e materialista a respeito da relação entre o físico e o moral, defendida do médico sensualista Georges Cabanis (1757–1808), conforme MASSIMI (1990:25), na Medicina teológica, ocorre uma referência constante à ação recíproca entre alma e

corpo. A razão para subordinar a teologia moral à medicina se devia à melhor compreensão da etiopatogenia das paixões, fornecida pelos novos modelos físicos e químicos relativos ao funcionamento dos nervos desenvolvidos por Albrecht Von Haller (1708–1777) e Antoine Lê Camus (1722 – 1772), anteriormante atribuídos às faculdades da alma (SILVA, Op. Cit.: 339).

O livro foi escrito para discorrer sobre as enfermidades que estariam na origem dos pecados da lascívia, da cólera e da bebedice. Tais males que, em si, não eram pecados e ensejavam remédios físicos, diferiam daqueles imputados à violência do demônio, à qual se adería por livre-arbítrio. Apenas estes últimos deveriam ser combatidos com a **dietética sagrada** e as **penitências**, administradas pelos teólogos. Somente os médicos teriam os conhecimentos fisiológicos que explicavam a união do corpo à alma e sua mútua correspondência em todas as ações de qualquer gênero. Para o médico mineiro, o espírito seria sempre afetado quando no corpo se produzisse alguma mudança. Remediada essa mudança do corpo curava-se a turbação do espírito. Assim, ao contrário dos teólogos, que pregavam uma resistência constante da vontade através de **orações**, **jejuns** e **disciplinas**, e para quem o corpo era sempre olhado como um escravo rebelde e merecedor somente de ser dilacerado com tormentos, por concorrer para a execução dos pecados, o médico esclarecido condenava os fundamentos desse moralismo “*destruidor da humanidade*”.

Tal como observamos em Ribeiro Sanches, há um forte conteúdo moralista, na Medicina teológica. Mesmo a ação curativa dos remédios sobre os excessos passionais, era explicada alternativamente, tanto pela sua ação sobre as fibras nervosas, incidindo na ação dos sucos etéreos ou espíritos animais que fluem pelos nervos, como pelo seu amargor e efeito nauseante, o que pode ser interpretado, como sugere Paulo José Carvalho da Silva (op, cit.: 42), como “uma penitência moral materializada em preparado químico”.

## **Conclusão**

Atualmente se aceita que a Europa iluminista foi tanto uma época do Sentimento quanto da Razão. Filósofos, moralistas e médicos discorreram sobre as paixões humanas, discutindo suas causas, seus diferentes tipos e gradações e suas relações com a economia animal e a alma racional. As múltiplas vertentes do discurso médico

setecentista sobre os tipos humanos, que enfatizavam a interação entre os planos do mental, do físico e do moral introduziriam novas modalidades técnicas sobre o governo dos homens. O problema da racionalidade política que emerge no período do despotismo ilustrado e que se afirma com o desenvolvimento das práticas liberais, que Michel Foucault (1979) estudou sob a denominação de *biopolítica*, levou à transformação do Leviatã num Estado jardineiro (BAUMAN, 1999), com o apoio do conhecimento médico renovado.

Ampliando seu prestígio, como instância normativa, a medicina buscou estender sua influência “ao território do bom governo, da administração da justiça, gestão das populações e desenvolvimento físico e moral dos indivíduos, com o cultivo das virtudes” (NOVELLA, 2010:52). Idéias médicas, vitalistas e sensualistas, foram filtradas em Portugal, no mesmo período, e, tal como ocorreu no resto da Europa, amalgamaram-se a outras correntes do pensamento médico e filosófico. A partir de então, a linha divisória entre o passional e o patológico foi sendo obscurecida e observou-se o paulatino deslocamento do exame das condutas do território da ética para o da terapêutica.

Os conflitos morais, políticos e ideológicos que envolviam diversos projetos médicos do final do século XVIII permaneceram na ordem do dia e ganharam novas configurações no século XIX. Todos os problemas levantados pela medicina filosófica – a natureza da mente, da sensibilidade e das paixões; o papel dos médicos na sociedade; as possibilidades do aperfeiçoamento higiênico da sociedade – seriam atualizadas no meio médico. O campo discursivo daquela medicina antropológica foi fragmentado em torno de práticas emergentes como o higienismo, o alienismo, o ecletismo, a medicina legal. Essas, apesar de discordarem entre si sobre diversos aspectos da relação mente-corpo, mantiveram o compromisso relacionado ao caráter social da medicina, à existência de íntimas relações entre mente e corpo, à capacidade da medicina em distinguir e classificar os tipos físico-morais e em medicalizar a sociedade (LEONARD, 1981).

### **Bibliografia:**

ARAÚJO, Ana Cristina. Ilustração, pedagogia e ciência em A.N. Ribeiro Sanches, **Revista de História das Idéias**, vol. 5, 1984, p. 377-94.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

DASTON, Lorraine. "I. The morality of natural orders: the power of Medea. II. Nature's customs versus nature's laws", The tanner lectures on human values. Delivered at Harvard University, November 6, 2002.

[http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/documents/volume24/daston\\_2002.pdf](http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/documents/volume24/daston_2002.pdf) (17/9/2010)

FOUCAULT, Michel. "Naissance de la biopolitique" resumen del curso en el Colegio de Francia (1978-79) publicado en **Annuaire du College de France**, París, 1979, p. 367-372.

FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica**, Rio de Janeiro, Fund. Biblioteca Nacional, 2008 [1794].

GORTON, John. *A general Biographical dictionary*, Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783) Vol. XII, 1784, p. 727-30.

GUSDORF, Georges "L'avènement de la Psychiatrie parmi les sciences humaines in Georges Gusdorf (org.) **Les sciences de l'homme sont des sciences humaines**, Pub. De la Faculté des Lettres de L'Université de Strasbourg, 1967, p. 157-82.

LARA, Silvia Hunold. Introdução in **Ordenações Filipinas: livro V**, São Paulo, Companhia das Letras, p. 19-44.

LEONARD, Jacques. **La Médecine entre les pouvoirs et les savoirs: histoire intellectuelle et politique de la médecine française au XIX<sup>e</sup> siècle**, Paris, Aubier Ed., 1981.

MARCUS, George E. "Emotions in politics" in N. W. Polsby (Ed.) **Annual Review in Political Science**, Vol. 3, Palo Alto, Annual Reviewa, 2000, p. 221-50.

MASSIMI, Marina. Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII, **Hist. Cien. Saúde – Manguinhos**, V. 13, n2, p. 253-70, abr.-jun. 2006.

\_\_\_\_\_ **História da Psicologia Brasileira. Da época colonial até 1934**. São Paulo, EPU, 1990.

MAXWELL, Kenneth. *Naked Tropics. Essays on empire and other rogues*, New York, Routledge, 2003.

MORAVIA, Sergio. From homme machine to homme sensible. Changing Eighteenth-Century models of man's image, **Journal of the history of ideas**, vol. 39, n°1 (jan-mar.), 1978, p. 45-60.

MORAVIA, Sergio. The capture of the invisible. For a (pre)history of psychology in eighteenth-century France, **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, Vol, 19, october, 1983.

NOVELLA, Enric J. "La higiene del yo: ciencia médica y sjetividad burguesa em la España del siglo XIX" **Frenia**, Vol. X, 2010, p. 49-74.

RENEVILLE, Marc. « The French Revolution and the Birth of Criminology » in P. Becker and R. Wetzell (Eds.), **The criminal and His Scientists : A new History of Criminology**, Cambridge University Press, 2006, p. 25-41.

RENNEVILLE, Marc. **La médecine du crime. Essai sur l'emergence d'un regard médical sur la criminalité en france (1785-1885)**, Lille, Presses Universitaires du Septentrion, 1997

REY, Roseline. “L’âme, lê corp set lê vivant” in Mirjo D. Grmek & Bernardino Fantini, **Histoire de la pensée médicale em occident**, Vol. 2, Paris, éditions du seuilo, 1996, p. 117-55.

REY, Roselyne. Psyche, soma and the vitalist philosophy of medicine, in John P. Wright & Paul Porter (Ed.) **Psyche and Soma: physicians and metephysicians on the mind-body problem from Antiquity to Enlightenment**, Oxford, Clarendom Press, 2000, p. 255-66.

SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dissertação sobre as paixões da Alma**, Universidade da Beira Interior Covilhã – Portugal, 2003 [1753].

SANCHES, António Ribeiro. **Método para aprender e estudar a Medicina**, Universidade da Beira Interior, Covilhã – Portugal, 2003 [1761].

SILVA, Paulo José Carvalho da. *A psicopatologia entre a alma e os nervos: a Medicina Theoloogica (1784) de Francisco de Melo Franco*, **Filosofia e História da Biologia**, V. 3, p. 335-345, 2008,

SOUZA, Laura. Melo **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. . **Trópico dos pecados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

WILLIAMS, Elizabeth A. **The physical and the moral: Anthropology, physiology, and philosophical medicine in France, 1750-1850**. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.